

**INTERCÂMBIOS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE GUERRA:
OS APOSTAMENTOS DE ROBERT K. HALL SOBRE AS REFORMAS DO ENSINO
SECUNDÁRIO NO ESTADO NOVO**

Adriana Mendonça Cunha¹

Resumo: Este artigo analisa os principais apontamentos do pesquisador estadunidense Robert King Hall acerca das reformas do ensino secundário realizadas durante o Estado Novo. Em 1940, Hall cursava doutorado em educação comparada pela Universidade de Michigan (UM) e visitou o Brasil para realizar um estudo sobre nossa educação secundária. Esta viagem foi possível com o auxílio de uma bolsa de pesquisa obtida através de um convênio, assinado entre o Instituto Brasil-EUA (IBEU) e a UM, para promoção de intercâmbios educacionais entre os dois países. Tal iniciativa era resultado do contexto de aproximação entre Brasil e Estados Unidos promovida pela Política de Boa Vizinhança. Utilizando dos conceitos de *circulação* e *moving localities*, busco discutir o processo de produção e fluxo de ideias entre educadores das duas nações a partir dos contatos estabelecidos por Hall com instituições e intelectuais brasileiros. Analisando a tese produzida pelo pesquisador, foi possível constatar críticas ao centralismo da educação brasileira e aos programas do curso secundário, recomendando-se uma maior flexibilização desta modalidade de ensino, de acordo com as diferenças regionais.

Palavras-chave: Educação Secundária; Política da Boa Vizinhança; Robert King Hall.

**EDUCATIONAL EXCHANGES IN TIMES OF WAR: ROBERT K. HALL'S NOTES ON
SECONDARY EDUCATION REFORMS IN THE ESTADO NOVO**

Abstract: This article analyzes the main notes of the American researcher Robert King Hall about the reforms of Secondary Education carried out during the Estado Novo. In 1940, Hall was pursuing a doctorate in Comparative Education at the University of Michigan (UM) and visited Brazil to conduct a study on our Secondary Education. This trip was made possible with the aid of a research grant obtained through an agreement, signed between the Instituto Brasil-EUA (IBEU) and UM, to promote educational exchanges between the two countries. Such initiative was the result of the context of rapprochement between Brazil and the United States promoted by the Good Neighbor Policy. Using the

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (PPGHCS/COC/Fiocruz). Bolsista CAPES. Mestra em Educação e Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: adriana@getempo.org.

concepts of *circulation* and *moving localities*, I seek to discuss the process of production and flow of ideas between educators from both nations based on the contacts established by Hall with Brazilian institutions and intellectuals. Analysing the thesis produced by the researcher, it was possible to verify criticism of the centralism of Brazilian education and of the Secondary School programs, recommending a greater flexibility in this teaching modality, according to regional differences.

Keywords: Secondary Education; Good Neighbor Policy; Robert King Hall.

Em dezembro de 1939, o periódico *O Jornal (RJ)* anunciou a vinda de um jovem pesquisador estadunidense ao Brasil para realizar um estudo sobre nossa educação secundária. Para executar a tarefa, ele contaria com uma bolsa de seis meses concedida pelo Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) com recursos do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty.²

Cursando o doutorado em educação comparada pela Universidade de Michigan (UM), Robert King Hall realizava uma pesquisa sobre o controle federal do ensino secundário em três repúblicas latino-americanas: Argentina, Brasil e Chile.³ A viagem era resultado de um programa estabelecido entre o IBEU e a UM no final de 1938.

Implementado em 1939, o *Brazilian Fellowship Program* tinha como objetivo promover o intercâmbio educacional entre os dois países.⁴ A criação deste programa acompanhava as mudanças na política externa dos Estados Unidos voltada à América Latina nos anos 1930. Preocupado com o crescimento das relações entre a Alemanha nazista e países do continente, o governo estadunidense procurou estreitar os

² Vem estudar os métodos pedagógicos brasileiros. *O Jornal*. Rio de Janeiro, domingo, 10 de dezembro de 1939, p. 07.

³ Embora a tese trate dos três países, neste artigo, remeterei apenas aos capítulos e artigos de Hall específicos sobre a educação brasileira, não me detendo as suas observações quanto a educação argentina e/ou chilena.

⁴ Sobre o acordo entre a UM e o IBEU, ver: KROPF, Simone P. Circuitos da boa vizinhança: Diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 36, n. 71, p. 91-118, maio/ago. 2020.

laços econômicos, políticos e culturais com os latino-americanos por meio da chamada Política da Boa Vizinhança.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a diplomacia cultural se tornou um instrumento decisivo para conter a influência do Eixo na região. O intercâmbio de estudantes e pesquisadores e as trocas culturais em diversas áreas (como cinema, imprensa e rádio) deveriam promover a compreensão mútua e a formação de uma aliança no continente sob a liderança dos Estados Unidos. Nesta conjuntura, Robert King Hall empreendeu suas investigações sobre a educação latino-americana.

Quando Hall iniciou suas incursões pelo país, em 1940, o Brasil já havia se tornado o principal foco da política externa estadunidense. A abundância de materiais estratégicos como a borracha, as relações mantidas com a Alemanha e a presença marcante de imigrantes alemães, japoneses e italianos fizeram do governo brasileiro o principal aliado dos Estados Unidos no continente.

Este artigo se debruça sobre esta viagem, examinando os roteiros, os contatos estabelecidos por Hall com instituições e intelectuais brasileiros e seus principais apontamentos sobre a nossa educação secundária. Dividido em três tópicos, o texto apresenta o contexto no qual Hall empreendeu suas investigações, marcado pela aproximação entre Brasil e EUA através da Política de Boa Vizinhança promovida pelo governo estadunidense. Em seguida, traça os caminhos percorridos pelo pesquisador durante os meses em que esteve no país, destacando os encontros com intelectuais brasileiros. E, por fim, discuto seus posicionamentos e críticas às reformas do ensino secundário empreendidas durante o Estado Novo.

Utilizando dos conceitos de *circulação*⁵ e *moving localities*⁶, este trabalho buscou discutir os posicionamentos de Hall e os encontros com educadores brasileiros, destacando a importância do contexto e contatos estabelecidos durante a viagem na formação de sua carreira acadêmica, na formulação do seu pensamento educacional e na construção de redes que contribuiriam para que Hall continuasse as suas investigações no Brasil no pós-guerra.

Relações Brasil-EUA, intercâmbios educacionais e diplomacia cultural

Até os anos 1930, as relações entre Brasil e Estados Unidos eram tímidas e se davam nos campos econômico e diplomático. Ainda não havia esforços governamentais significativos para estreitar os laços entre os dois países. Isto, no entanto, não impediu que diversos intelectuais brasileiros comesçassem a ver nos Estados Unidos “um espelho no qual o Brasil deveria se mirar”.⁷ Este foi o caso do advogado alagoano Aureliano Tavares Bastos, que, entre 1860 e 1870, se inspirou no modelo

⁵ O conceito de circulação aqui empregado parte da ideia de que o conhecimento se constrói na medida em que se move, através de complexos processos de adaptações e negociações. A circulação é marcada por encontros, resistências, reconfigurações e transformações que ocorrem a partir dos contatos entre diferentes culturas e localidades. É um movimento de encontros marcado por interações entre atores e grupos heterogêneos, promovendo a formação de redes e de novos conhecimentos produzidos no âmbito do próprio processo de circulação. RAJ, Kapil. Além dos pós-colonialismo... e pós-positivismo: circulação e a história global da ciência. *Revista Maracanan*, n. 12, dez./2015, p. 164-175. RAJ, Kapil. Conexões, cruzamentos, circulações: a passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XIX. *Cultura: Revista de História e Teorias das Ideias*, v. 24, 2007, p. 155-179.

⁶ O conceito de “*moving localities*” parte do princípio de que *centros* e *periferias* estão em constante construção e em mútua dependência. Isso permite olhar para os chamados *agentes periféricos* como participantes ativos, e não como meros receptores das ideias que seriam transferidas do *centro*. Logo, *apropriação* se refere aos processos que caracterizam a atividade engajada de diversos atores em produzir, disseminar, usar, criticar e remodelar novos conhecimentos. RAPOSO, Pedro M. P.; SIMÕES, Ana; PATINIOTIS, Manolis; BERTOMEU-SANCHEZ, José R. *Moving localities and creative circulation: travels as knowledge production in 18th-century Europe*. *Centaurus*, 2014, p. 167-188.

⁷ WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. *São Paulo: Perspectiva*, 2000, vol. 14, n.2, p.37-43.

escolar de Massachusetts para pensar em um programa de instrução pública para o Brasil.⁸

Estes contatos com a educação e a sociedade estadunidense foram sendo alargados a partir do surgimento da União Pan-Americana em 1889. Criada por iniciativa dos Estados Unidos, a organização era presidida pelo Secretário de Estado e tinha como objetivo fomentar acordos políticos, econômicos e culturais com a América Latina. Ao mesmo tempo em que abriu caminho para uma maior influência dos EUA no continente, a nova organização ajudou a angariar recursos privados para a promoção de intercâmbios intelectuais entre estadunidenses e latino-americanos.⁹

Entre as décadas de 1910 e 1930, as instituições filantrópicas foram responsáveis por criar as ferramentas necessárias para estabelecer os contatos intelectuais e culturais entre os países.¹⁰ Confiantes na ideia de que os intercâmbios promoveriam o conhecimento mútuo e a paz entre as nações, essas organizações financiavam pesquisas, patrocinavam viagens de estudantes, escritores e personalidades proeminentes aos Estados Unidos a fim de fortalecer as relações transnacionais. Fundações como a Carnegie, Rockefeller e John Simon Guggenheim construíram uma “diplomacia das ideias” através da tradução e publicação de livros, concessão de bolsas de estudo, exposições e intercâmbios.¹¹

⁸ SOUZA, Josefa Eliana. *O programa de instrução pública de Tavares Bastos (1861-1873): concepções a partir do modelo norte-americano*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

⁹ ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. *Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935)*: Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho. Doutorado em História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016, p.29.

¹⁰ NINKOVICH, Frank A. *The Diplomacy of Ideas: U.S. foreign policy and cultural relations (1938-1950)*. Cambridge University Press, 1981.

¹¹ O termo “*the diplomacy of ideas*” foi cunhado por Ninkovich (1981). Ver: NINKOVICH, Frank A. *The Diplomacy of Ideas: U.S. foreign policy and cultural relations (1938-1950)*. Cambridge University Press, 1981.

No Brasil, a Fundação Rockefeller atuava, desde 1916, patrocinando programas sanitários e de educação médica. A Faculdade de Medicina de São Paulo, por exemplo, foi uma das instituições que mais recebeu investimentos da fundação. Muitos médicos brasileiros foram contemplados com bolsas para fazer cursos de especialização nos Estados Unidos, construindo importantes vínculos entre a fundação, instituições e cientistas brasileiros e estadunidenses.¹²

No campo educacional, assistiu-se, na década de 1920, a um fluxo de brasileiros em direção aos Estados Unidos para realizarem cursos de especialização e conhecerem o funcionamento da educação deste país. Essas excursões eram patrocinadas, em alguns casos, com verbas públicas, a partir das Secretarias de Negócios do Interior e das Diretorias de Instrução, assim como por capital privado através dos convênios assinados entre instituições estadunidenses e brasileiras.¹³

Tais iniciativas eram empreendimentos de governantes brasileiros e de educadores que, no início do século XX, se empenharam na elaboração de projetos de reorganização da instrução pública. Figuras como Anísio Teixeira e Lourenço Filho, que desempenharam papel de liderança em importantes reformas empreendidas entre os anos 1920 e 1930, souberam utilizar estas oportunidades não só para construir suas carreiras como para pensar caminhos para a educação brasileira.

Enquanto as fundações privadas promoviam as relações culturais interamericanas como estratégia de aproximação entre as nações, no final dos anos 1920, a postura intervencionista dos Estados Unidos em países vizinhos passou a ser questionada não só pelos latino-americanos,

¹² Sobre o tema, ver: PALMER, Steven. *Gênese da saúde global: a Fundação Rockefeller no Caribe e na América Latina*. Tradução: Annabella Blyth. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015. FARIA, Lina. *Saúde e Política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

¹³ ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. *Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935): Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho*. Doutorado em História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016, p. 23.

como também por alguns estadunidenses. Pensando nisso, a presidência de Herbert Hoover (1929-1933) decidiu lançar as bases para uma política de boa vizinhança que seria desenvolvida, efetivamente, pelo sucessor Franklin Delano Roosevelt.¹⁴ Tal política se pautava na defesa do panamericanismo e da solidariedade interamericana. As relações entre EUA e América Latina deveriam ocorrer através de trocas comerciais, científicas e culturais, de acordos militares para defesa do continente e da busca pelo entendimento mútuo.

A mudança na postura do governo estadunidense para com a América Latina resultava não só do crescente antiamericanismo dentro do continente como também da conjuntura internacional. Os anos 1930 marcaram uma diversificação nas relações exteriores das repúblicas latino-americanas. Com a crise internacional do capitalismo, acirrou-se a busca pelos mercados latino-americanos com novos e antigos atores marcando presença na região: EUA, Inglaterra, Itália, Alemanha, Espanha, União Soviética e Japão.¹⁵

Dentre estes países, o que mais preocupava o governo estadunidense era a Alemanha e sua crescente aproximação das nações latino-americanas. Desde 1933, com a ascensão do regime nazista, o mundo vivia sob o espectro de um novo conflito no qual, provavelmente, os Estados Unidos não poderiam se manter neutros. Neste contexto, a América Latina passou a figurar como área estratégica para os interesses comerciais alemães, fazendo crescer os vínculos com diversos países da região.¹⁶

¹⁴ ESPINOSA, J. Manuel. *Inter-American Beginnings of U.S. Cultural Diplomacy (1936-1948)*. Washington, D.C.: Department of State, 1977, p.69.

¹⁵ CERVO, Amado. *Relações internacionais da América Latina: de 1930 aos nossos dias*. 3ª ed., São Paulo: Saraiva, 2013.

¹⁶ MACCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos (1937-1945)*. Tradução: Jayme Taddei e José Lívio Dantas. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995. LOCHERY, Neill. *Brasil: os frutos da guerra*. Tradução: Lourdes Sette. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

Para além das questões comerciais, outros fatores tornavam a Alemanha uma ameaça para os Estados Unidos. Existia, entre muitos militares latino-americanos, uma forte admiração pelo exército alemão que era vista com desconfiança por parte do governo estadunidense.¹⁷ Outro fator preocupante eram os imigrantes de origem alemã, italiana e japonesa residindo em países como Argentina, Brasil e Chile. No caso do Brasil, existia um número considerável de alemães e japoneses não assimilados vivendo em colônias onde mantinham o uso da língua, as práticas educacionais, culturais e laços políticos com seu local de origem.

A presença desses grupos facilitava o trabalho de propaganda do regime nazista e a influência dos alemães na região. É importante salientar que, desde a República de Weimar (1919-1933), a Alemanha investia no intercâmbio acadêmico no intuito de melhorar a imagem do país no exterior e contribuir para o restabelecimento das atividades comerciais e políticas.¹⁸ Por meio de tais iniciativas, muitos contatos foram estabelecidos com intelectuais, militares, políticos e membros da elite latino-americana.

Entre os anos 1920 e 1930, as trocas entre alemães e latino-americanos prevaleceram nos campos da medicina, ciências naturais e engenharia.¹⁹ No Brasil, figuras como o microbiologista e patologista Henrique da Rocha Lima contribuíram para criar conexões entre instituições e cientistas dos dois países. Como Rocha Lima, muitos médicos e cientistas brasileiros estudaram e/ou trabalharam na Alemanha e estabeleceram relações que perduraram mesmo depois

¹⁷ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

¹⁸ SILVA, André Felipe Cândido da. Dimensões históricas da internacionalização: o papel da diplomacia cultural alemã na mobilidade acadêmica transnacional (1919-1945). *Política e Sociedade*, Florianópolis, Vol. 17, Nº 38, Jan./Abr. de 2018, p. 256-303.

¹⁹ SILVA, André Felipe Cândido da. Dimensões históricas da internacionalização: o papel da diplomacia cultural alemã na mobilidade acadêmica transnacional (1919-1945). *Política e Sociedade*, Florianópolis, Vol. 17, Nº 38, Jan./Abr. de 2018, p.289.

de seu retorno ao Brasil. Defensor do intercâmbio germano-brasileiro, Rocha Lima incentivou a vinda de pesquisadores alemães para trabalhar em instituições como a Universidade de São Paulo.²⁰

Toda esta conjuntura colocou em evidência a necessidade do governo estadunidense em atuar no campo cultural. O uso massivo de propaganda pelo regime nazista foi visto como uma ameaça aos Estados Unidos e à própria sobrevivência da democracia.²¹ O avanço da Alemanha serviu, então, de “contexto e pretexto” para que o governo estadunidense adotasse a diplomacia cultural como uma ferramenta decisiva da sua política externa durante a guerra.²²

Vários autores apontam a Conferência Pan-Americana para a Manutenção da Paz, realizada, em 1936, em Buenos Aires, como marco fundamental para o estabelecimento de uma diplomacia cultural pública voltada para a América Latina.²³ Nesta reunião, o governo Roosevelt, mediante a *Convention for the Promotion of Inter-American Cultural Relations*, declarou sua intenção de estabelecer a cooperação com os latino-americanos e se comprometeu a promover uma política oficial de patrocínio de intercâmbios educacionais e culturais.

Entre o final dos anos 1930 e início da década de 1940, foram criadas agências para combater as investidas alemãs e promover a

²⁰ SILVA, André Cândido Felipe da. A diplomacia das cátedras: a política cultural externa alemã e o ensino superior paulista – os casos da USP e da Escola Paulista de Medicina (1934-1942). *História (São Paulo)*, v.32, n.01, p.401-431, jan./jun. 2013.

²¹ Silva (2018) destaca que, após a ascensão do nazismo, houve a expulsão de pesquisadores e queda no número de estudantes que se dirigiam ao país. A diplomacia cultural alemã ganhou novos contornos com o uso de propaganda. Ver: SILVA, André Felipe Cândido da. Dimensões históricas da internacionalização: o papel da diplomacia cultural alemã na mobilidade acadêmica transnacional (1919-1945). *Política e Sociedade*, Florianópolis, Vol. 17, Nº 38, Jan./Abr. de 2018.

²² GRAHAM, Sarah Ellen. *Culture and Propaganda: the progressive origins of American Public Diplomacy, 1936-1953*. New York: AshgatePublishing, 2015, p.54.

²³ ESPINOSA, J. Manuel. *Inter-American Beginnings of U.S. Cultural Diplomacy (1936-1948)* Washington, D.C.: Department of State, 1977. GRAHAM, Sarah Ellen. *Culture and Propaganda: the progressive origins of American Public Diplomacy, 1936-1953*. New York: AshgatePublishing, 2015.

política da boa vizinhança. Em 1938, o Departamento de Estado criou a Divisão de Relações Culturais (DRC) para viabilizar intercâmbios com os países latino-americanos, conforme previsto pela Convenção de Buenos Aires, com a colaboração das instituições privadas que já atuavam na área (universidades e organizações filantrópicas). O ideal de reciprocidade deveria prevalecer, de maneira a convencer os latino-americanos da perspectiva de cooperação por parte do governo estadunidense.²⁴

Já com a guerra em andamento, em 1940, foi criado o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), comandado pelo empresário Nelson Rockefeller. Diretamente vinculado à presidência, o *Office* refletia a apreensão do governo estadunidense com a situação no continente. O avanço nazista na Europa tornava urgente a criação de medidas rápidas e eficazes para conseguir o apoio dos latino-americanos ao lado dos Aliados. Para realizar tal tarefa, o OCIAA organizou acordos econômicos, intercâmbios educacionais e culturais, investindo sobretudo nas áreas de rádio, cinema, imprensa e propaganda.²⁵

Foi nesse contexto que Robert King Hall iniciou seus estudos sobre a educação latino-americana. Descendente de irlandeses presbiterianos que emigraram para os Estados Unidos no final do século XVII, Hall nasceu em 1912 na cidade de *Kewanee*, estado de Illinois.²⁶ Graduou-se com honras pela *Lake Forest University* em 1934. Dois anos

²⁴ GRAHAM, Sarah Ellen. *Culture and Propaganda: the progressive origins of American Public Diplomacy, 1936-1953*. New York: AshgatePublishing, 2015, p.54.

²⁵ TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

²⁶ A árvore genealógica de Hall pode ser encontrada na seguinte publicação: *The Rev. James Davidson Hall and his descendentes (1806-1946)*. Compiled by Dr. J. K. Hall, Belmont, N.C.

depois, concluiu o mestrado em educação pela Universidade de Chicago, com trabalho intitulado *The Secondary School in Argentina*.²⁷

Em seguida, Hall ingressou no doutorado em educação comparada na Universidade de Michigan (UM), voltando-se para o estudo do controle federal sobre o ensino secundário em dois países latino-americanos: Argentina e Chile. Inicialmente, o Brasil não era objeto de pesquisa, passando a ser incluído quando Hall foi convidado a integrar o trio de estudantes estadunidenses que faria intercâmbio com o Brasil graças ao programa firmado, em 1938, entre a Universidade de Michigan (UM) e o Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU).

A iniciativa partiu do IBEU e foi ao encontro do interesse da UM em atrair estudantes estrangeiros para a instituição. De um lado, a Universidade de Michigan desejava inserir-se na cooperação interamericana que começava a se operacionalizar após a Conferência de Buenos Aires. Do outro, o Instituto Brasil-Estados Unidos, uma instituição privada, criada em 1937, procurava promover as relações entre os dois países.²⁸

Mais do que promover o ensino e a difusão do inglês, o IBEU contribuiu com a promoção das trocas culturais e educacionais entre os dois países, com a organização de cursos, visitas e palestras de artistas, cientistas e intelectuais dos mais variados ramos do conhecimento. No caso do acordo com a Universidade de Michigan, houve inclusive a criação de bolsas especialmente destinadas a tal cooperação, com recursos do governo brasileiro.²⁹

²⁷ *Bibliography of research studies in education (1935-1936)*. Washington: United States Government Printing Office, 1937, p. 167.

²⁸ KROPF, Simone P. Circuitos da boa vizinhança: Diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 36, n. 71, p. 91-118, maio/ago. 2020, p.94.

²⁹ KROPF, Simone P. Circuitos da boa vizinhança: Diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 36, n. 71, p. 91-118, maio/ago. 2020.

Assim, em 1938, o IBEU ofertou três *fellowships* com duração de seis meses para pesquisadores estadunidenses que desejassem estudar o Brasil. Em contrapartida, universidades ou *colleges* estadunidenses deveriam ofertar a mesma quantidade a estudantes brasileiros. Com recursos deste programa, Robert King Hall realizou sua primeira viagem de pesquisa ao Brasil em março de 1940.³⁰ Sua proposta era, a partir da análise do sistema educacional desses três países, discutir a importância da educação na ordem política mundial.

A sua pesquisa buscava identificar se a centralização da educação nas repúblicas ABC era uma novidade ou um traço histórico e se as reformas em curso representavam os anseios da população ou eram impostas pelos governantes. Mas, acima de tudo, a questão central era saber se o controle federal era “um instrumento para providenciar oportunidades educacionais para a juventude destes países, ou está produzindo uma ordem social que consistirá numa ameaça à democracia?”.³¹

Hall destacava a relação entre a América Latina e os Estados Unidos, apontando a preocupação com o crescente controle federal sobre a educação em países como o Brasil, marcados pela instabilidade política. Quando o pesquisador estadunidense viajou ao país, em 1940, a guerra estava em curso na Europa e a Alemanha avançava, conquistando inúmeros territórios aliados. O governo estadunidense temia não só uma vitória nazista como uma aliança dos latino-americanos com o Eixo.

Quando Hall realizou suas primeiras investigações no Brasil, entre março e agosto de 1940, o país – que vivia sob a ditadura do Estado

³⁰ KROPPF, Simone P. Circuitos da boa vizinhança: Diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 36, n. 71, p. 91-118, maio/ago. 2020, p.103.

³¹ HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics 1941*, p.04. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirement of the degree of Doctor of Philosophy. University of Michigan, Ann Arbor.

Novo – havia se transformado no principal alvo da política externa estadunidense. A posição estratégica no continente e a abundância de recursos minerais e matérias-primas importantes para a guerra tornavam o país um aliado indispensável. Com a rendição da França, em maio de 1940, os Estados Unidos passaram a temer uma vitória nazista na Europa, cogitando uma invasão no continente, partindo da África em direção ao nordeste brasileiro.³²

Diante da situação, era urgente conseguir o apoio de Vargas e o rompimento entre o Brasil e os países do Eixo. Isso seria dificultado pela relutância do presidente brasileiro em interromper as relações diplomáticas com a Alemanha. Sua posição era baseada nas vantagens que os acordos comerciais, firmados com os alemães ao longo dos anos 1930, ofereciam graças ao comércio de compensação.³³ Outro ponto a favor dos alemães era a disposição em vender armamentos ao governo brasileiro, coisa que os Estados Unidos, por restrições internas, não poderiam oferecer.³⁴

Vargas optou por adotar uma *equidistância pragmática*, negociando ao mesmo tempo com Estados Unidos e Alemanha em busca de benefícios para o desenvolvimento nacional. Internamente, os militares liderados por Góis Monteiro (Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas) e Eurico Gaspar Dutra (Ministro da Guerra) defendiam a aproximação com a Alemanha. Já grupos mais liberais, ligados ao

³² MACCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos (1937-1945)*. Tradução: Jayme Taddei e José Lívio Dantas. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995; MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

³³ O sistema Askis permitia aos alemães comprar matérias primas dos brasileiros com marcos que, por sua vez, transformavam-se em créditos para que os brasileiros adquirissem produtos alemães. Ver: MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

³⁴ Os Atos de Neutralidade, assinados em 1930, impediam os EUA de fornecer armas. Para reverter este problema, o governo Roosevelt, em 1941, o *Lend-Lease* que propunha o fornecimento de materiais bélicos aos países latino-americanos a custos baixos. Ver: MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p.70.

ministro das relações exteriores, Oswaldo Aranha, se posicionavam a favor de uma aliança com os Estados Unidos.³⁵

Os esforços do governo estadunidense para estabelecer a Política da Boa Vizinhança foram aproveitados por Getúlio Vargas para conseguir recursos financeiros em troca do apoio aos Aliados. O presidente brasileiro tinha como metas o rearmamento das Forças Armadas e o financiamento para a construção de uma usina siderúrgica. Por isso, buscou manter relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha e, mesmo depois do bloqueio britânico, continuou utilizando a posição estratégica do país no continente para obter benefícios junto aos Estados Unidos.³⁶

Entre 1940 e 1942, diversos tratados comerciais e militares foram firmados entre os dois países, assegurando o fornecimento de armas e o financiamento para a construção da siderúrgica. O Brasil, por sua vez, deveria garantir o abastecimento de matérias-primas e a autorização para a instalação de bases militares estadunidenses no Nordeste. Além destes acordos, a diplomacia cultural seria uma ferramenta indispensável para selar o apoio do Brasil aos EUA.³⁷

O cinema, o rádio, a imprensa, a tradução e publicação de livros e os intercâmbios culturais e educacionais seriam fundamentais na construção da “amizade” entre os dois países. Na busca para “persuadir” o Brasil a se aliar aos Estados Unidos, inúmeros personagens foram mobilizados, de cientistas e educadores a músicos, atores,

³⁵ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

³⁶ Em 1940, o bloqueio naval britânico pôs fim ao comércio entre Alemanha e América Latina. Ver: MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 57.

³⁷ Segundo Tota, o OSS foi responsável por produzir vários relatórios sobre a cultura brasileira com o intuito de treinar militares e políticos que se dirigiam ao Brasil, a fim de impedir qualquer gafe ou comportamento inapropriado. Produziram guias com palavras a serem aprendidas, expressões, padrões de comportamento. TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

diretores, políticos e empresários.³⁸ Robert King Hall seria um, dentre os muitos indivíduos, que a partir de interesses específicos e de suas trajetórias individuais atuariam para a construção de relações de cooperação cultural e educacional entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial.

A viagem e os encontros de Robert King Hall no Brasil (1940)

Entre março e agosto de 1940, Robert King Hall visitou os seguintes estados: Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.³⁹ Enquanto coletava fontes e informações para a tese, o pesquisador estadunidense foi convidado para proferir palestras em instituições como a Faculdade de Filosofia do Paraná, o Instituto Brasil-Estados Unidos e a Universidade do Brasil.⁴⁰

Tais atividades eram bastante comuns entre os participantes dos programas de intercâmbios. Além de coletar dados para seus estudos, muitos pesquisadores realizavam conferências, ofertavam cursos em universidades, publicavam artigos e estabeleciam contatos com intelectuais e instituições dos países visitados. Tudo isso estimulava a construção de redes e conexões com figuras locais, formando, em muitos casos, parcerias acadêmicas importantes nas mais diversas áreas do conhecimento.⁴¹

³⁸ VALIM, Alexandre Busko. *O triunfo da persuasão: Brasil, Estados Unidos e o cinema na política de boa vizinhança durante a II Guerra Mundial*. São Paulo: Alameda, 2017.

³⁹ HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics 1941*, p.417 e 418.

⁴⁰ Conferências. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 19 de junho de 1940, p. 05. Associação Brasileira de Educação. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 20 de junho de 1940, p.05.

⁴¹ ESPINOSA, J. Manuel. *Inter-American Beginnings of U.S. Cultural Diplomacy (1936-1948)* Washington, D.C.: Department of State, 1977, p.301-302.

As viagens de estadunidenses pelo Brasil, na década de 1940, foram divulgadas pelos jornais, como símbolo das relações de boa vizinhança entre as duas grandes nações americanas. A estada de personalidades como Walt Disney e Orson Wells no país foi bastante festejada pela imprensa, porém, eles não foram os únicos a figurarem nas páginas dos noticiários.⁴² Pesquisadores, professores e estudantes, pessoas desconhecidas pelo público em geral, participaram deste movimento de intercâmbio e tiveram suas passagens pelo país registradas pelos periódicos.

No caso de Robert King Hall, os jornais destacavam suas visitas aos estados e instituições, apresentando-o como um “especialista”. A título de exemplo, no dia 23 de julho de 1940, o *Correio do Paraná* (PR) publicou uma nota sobre uma palestra proferida por Hall na Faculdade de Filosofia do Paraná no dia anterior. Segundo a matéria, a conferência representava “um dos mais legítimos sucessos espirituais dos últimos tempos”, pois o pesquisador era um “conhecido pedagogo norte-americano, da Universidade de Michigan”.⁴³

Um outro ponto relevante é que, nos registros, Hall aparecia quase sempre acompanhado de educadores e autoridades locais. Vejamos alguns exemplos. Em 27 de julho de 1940, o *Correio da Manhã* (RJ) publicou uma nota informando que, ao desembarcar em São Paulo, o pesquisador “foi recebido no campo de Congonhas pelo representante do diretor do Departamento de Educação e algumas figuras da colônia norte-americana domiciliada nesta cidade”.⁴⁴ E em 25 de agosto, o *Jornal do Brasil* (RJ) destacava a passagem do

⁴² TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Ver também: Intercâmbio Brasil-Estados Unidos. *A Noite*. Rio de Janeiro, Quarta-Feira, 27 de agosto de 1941, p.12.

⁴³ Uma conferência na Faculdade de Filosofia. *Correio do Paraná*. Curitiba. Quarta-feira, 23 de julho de 1940, ano VIII, nº 3.901, pg. 08.

⁴⁴ Está em S. Paulo o professor King Hall. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Sábado, 27 de julho de 1940, pg.03.

pesquisador pelo gabinete do ministro da educação Gustavo Capanema.

Esteve em visita de despedida ao Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação, o professor Robert King Hall, da Universidade de Michigan, que regressa aos Estados Unidos depois de uma permanência de quatro meses em nosso país, onde veio em missão de estudos.

O professor King Hall estudou especialmente a organização do nosso ensino secundário, tendo realizado as suas investigações com a assistência do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação.⁴⁵

A assistência recebida do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) na coleta de dados para a pesquisa proporcionou a Hall vínculos duradouros com o campo da educação brasileira. Posteriormente, ele não só manteria contato com alguns educadores brasileiros como seria convidado a colaborar com o instituto.⁴⁶ No INEP, a conexão mais importante foi estabelecida com Lourenço Filho, diretor da instituição, a quem Hall fez questão de mencionar não só em entrevistas, como também no seu relatório de pesquisa.⁴⁷

Os agradecimentos foram estendidos a Paschoal Lemme, na época, responsável pela seção de documentação e intercâmbio do instituto. Atendendo a um pedido direto de Lourenço Filho, Lemme auxiliou Hall nas suas pesquisas no INEP. Esse encontro foi mencionado,

⁴⁵ Diversas Notícias. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 25 de agosto de 1940, p. 06.

⁴⁶ Entre 1949-51. Hall colaborou como consultor técnico para o INEP junto ao programa de educação rural coordenado pelo instituto. Sobre isto, ver: CUNHA, Adriana Mendonça. *História, Educação e Relações Brasil-EUA: Robert King Hall e o programa de construção de escolas rurais do INEP (1947-1951)*. 2018. 136f. Dissertação. Mestrado em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

⁴⁷ HALL, Robert King. *Report on South American Research*. September 20, 1940, p.01. Localização: International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor.

brevemente, pelo educador brasileiro em suas memórias, reeditadas e publicadas pelo Ministério da Educação em 2004.⁴⁸

Assim como Hall, Paschoal Lemme foi contemplado com bolsa de estudos pelo programa de intercâmbio promovido entre o IBEU e a UM. Integrando o primeiro grupo de brasileiros que participaram do programa, ele partiu para os Estados Unidos em 1939. Na Universidade de Michigan, Lemme realizou estudos na área de administração da educação pública.⁴⁹ É possível que Lemme e Hall tenham se conhecido nessa ocasião, mas não encontrei nenhuma fonte que evidenciasse tal encontro.

Já no Brasil, o educador brasileiro não só ajudou o pesquisador estadunidense na seleção de fontes para suas investigações como intermediou um encontro de Hall com Anísio Teixeira. Amigos de longa data, Lemme e Teixeira estiveram envolvidos na criação do Movimento dos Pioneiros da Escola Nova no Brasil na década de 1930. Segundo Paschoal Lemme,

depois de receber todas as informações solicitadas, o professor King-Hall demonstrou desejo de conhecer a organização da educação em alguns estados. Lembrei-me então de apresentá-lo a Anísio, que estava em Salvador, pois o professor Hall desejava também o conhecer pessoalmente, pela repercussão de sua obra no Distrito Federal e na Bahia, e ainda pelo fato de ter sido aluno de John Dewey na Universidade de Columbia. Escrevi, então, uma carta a Anísio apresentando-lhe o prof. Hall.⁵⁰

Anísio Teixeira realizou viagens aos Estados Unidos no final dos anos 1920, a fim de observar o sistema educacional do país e estudar

⁴⁸ Em 2004, completou-se cem anos do nascimento de Paschoal Lemme. Em comemoração, o Ministério da Educação reeditou e publicou as suas memórias, divididas em cinco volumes. Originalmente, elas haviam sido publicadas pelo próprio Lemme na década de 1980.

⁴⁹ LEMME, Paschoal. *Paschoal Lemme: memórias de um educador*. Vol. 02, Brasília: INEP, 2004, p.50. Sobre os intercâmbios IBEU/UM, ver: KROPF, 2020, p. 108-109. Op. Cit.

⁵⁰ LEMME, Paschoal. *Paschoal Lemme: memórias de um educador*. Vol. 02, Brasília: INEP, 2004, p.143.

no *Teachers College* (TC) da Universidade de Columbia.⁵¹ Nestas incursões, ele conheceu John Dewey e o movimento de educação progressiva. De volta ao Brasil, foi o responsável pela tradução e divulgação das obras do educador estadunidense. As viagens e os estudos no TC foram importantes para a formulação do seu pensamento educacional, construído a partir da conexão entre as experiências e observações realizadas nos EUA e sua interpretação da realidade brasileira.⁵²

Não é de se estranhar que Hall tivesse interesse em conhecê-lo. Anísio Teixeira era um educador influente, com produção e carreira consolidadas. Desempenhou papel ativo na circulação de livros e teorias educacionais estadunidenses no Brasil. Junto com outros intelectuais, criou o movimento renovador, liderou reformas de instrução na Bahia e no Rio de Janeiro e atuou em várias instituições.

Hall e Anísio se reuniram no final de agosto, quando o pesquisador estadunidense passou pela Bahia, onde também realizou uma palestra na secretaria estadual de educação.⁵³ Em telegrama encaminhado a Lemme, no dia 04 de setembro, Teixeira relatou seu encontro com Hall.

Aqui recebi sua carta e com ela o prof. Hall. Tivemos uma longa conversa fiada de cerca de duas horas. E durante esse tempo, esqueci um pouco os meus grandes esquecimentos de coisas de educação. (...) gratíssimo pela visita que me proporcionou seu grande amigo, visita que me deu uns

⁵¹Anísio realizou sua primeira viagem de estudos aos EUA, em 1927, patrocinado pelo governo baiano a fim de observar o sistema escola estadunidense. Em 1929, graduou-se como *Master of Arts* no *Teachers College* da Universidade de Columbia. Sobre as viagens de Anísio aos EUA, ver: ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. *Entre o Brasil e os Estados Unidos: intelectuais, ideias e projetos de educação (1927-1935)*. Rio de Janeiro: Editora PUC, Editora Fiocruz, 2020.

⁵² ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. *Entre o Brasil e os Estados Unidos: intelectuais, ideias e projetos de educação (1927-1935)*. Rio de Janeiro: Editora PUC, Editora Fiocruz, 2020.

⁵³ Bahia. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, domingo, 01 de setembro de 1940, ano L, nº 206, p. 06.

momentos saborosos e estranhos de vida... Recomende-nos aos seus e creia no velho amigo de sempre, Anísio.⁵⁴

Da Bahia, Hall seguiu para Pernambuco, onde foi recepcionado por Gilberto Freyre. Os dois já haviam se encontrado nos Estados Unidos quando lecionaram no Instituto de Estudos Latino-Americanos, iniciativa que integrou os cursos de verão da Universidade de Michigan em meados de 1939.⁵⁵ Na ocasião, Hall ministrou um seminário sobre educação, e Freyre, único integrante brasileiro, uma disciplina de história do Brasil.

Em Recife, os dois foram fotografados para o *Diário de Pernambuco (PE)* ao lado de Sylvio Rabelo e do casal Antigenes Chaves, estes últimos responsáveis por organizar um jantar de boas-vindas para o pesquisador estadunidense. No periódico, Hall foi apontado como “uma figura das mais ilustres da nova geração de especialistas em assuntos pedagógicos no seu país” que, mesmo sendo muito jovem, carregava “a simplicidade própria dos americanos”, deixando “patente o seu interesse pelas coisas do Brasil”.⁵⁶

Para além dos inúmeros elogios ao visitante estadunidense, a matéria ressaltava as afinidades entre Hall e Freyre, indicando que os dois “foram colegas na Universidade de Michigan”. Robert King Hall e Gilberto Freyre eram apresentados como importantes pesquisadores que contribuíam para promover a “amizade” entre seus países. Embora o objetivo do jornal fosse destacar as boas relações entre estes dois

⁵⁴ TEIXEIRA, 1940 apud LEMME, 2004, p.144. LEMME, Paschoal. *Paschoal Lemme: memórias de um educador*. Vol. 02, Brasília: INEP, 2004,

⁵⁵ HALL, Robert King. Institute of Latin American Studies at the University of Michigan. New Summer Courses on Latin America. *Bulletin of the Pan American Union*, v. LXXIII, nº 04, April 1939, p.223-224. Sobre o referido Instituto, ver: KROPF, Simone P. Circuitos da boa vizinhança: Diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 36, n. 71, p. 91-118, maio/ago. 2020.

⁵⁶ No Recife um educador norte-americano. *Diário de Pernambuco*. Recife, terça-feira, 03 de setembro de 1940, ano 15, nº 207, p. 03.

personagens, é importante refletir sobre as posições que eles ocupavam naquele momento.

Quando se encontraram em Recife, em 1940, Gilberto Freyre era um conhecido sociólogo brasileiro, cuja formação superior foi realizada nos Estados Unidos, onde entrou em contato com diversas instituições e intelectuais estadunidenses. Antes de lecionar no curso de verão da Universidade de Michigan e conhecer Hall, ele já havia atuado como professor convidado na Universidade de Stanford em 1931.⁵⁷ Portanto, Freyre não só era uma figura conhecida, como há muito tempo circulava pelo campo acadêmico estadunidense.

Por sua vez, Robert King Hall cursava o doutorado e acabara de iniciar suas pesquisas no Brasil. Ele não era, ainda, um especialista reconhecido e tampouco ocupava posições em universidades. É provável que Freyre tenha fornecido a Hall apoio durante sua passagem por Pernambuco, colocando-o em contato com personalidades influentes do cenário político e intelectual local, como foi o caso de Sylvio Rabelo e Antiogenes Chaves.

Após sua passagem por Pernambuco, Robert King Hall retornou aos Estados Unidos. Durante os seis meses em que esteve no Brasil, percorreu um vasto roteiro, passando por várias cidades e estados. Conseguiu entrar em contato com importantes figuras políticas e intelectuais locais, a exemplo de Gustavo Capanema, Lourenço Filho, Paschoal Lemme, Anísio Teixeira e Gilberto Freyre. Hall soube aproveitar esses encontros para conseguir acesso a informações e fontes oficiais sobre a educação brasileira, ouvir testemunhos e, principalmente, criar redes que seriam mobilizadas em viagens posteriores.

⁵⁷ Gilberto Freyre (1900-1987) curso o ensino superior nos Estados Unidos, para onde se mudou em 1918. Estudou na Universidade de Baylor e cursou mestrado e doutorado na Universidade de Columbia. Sobre Freyre, ver: LIMA, Mario Hélio Gomes de. *Gilberto Freyre*. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

Os apontamentos de Hall sobre o ensino secundário brasileiro (1941)

Conforme apontado, o ensino secundário foi tema de investigação de Hall durante sua primeira viagem ao Brasil. Seus apontamentos sobre esta modalidade de ensino foram encontrados na tese defendida junto à Universidade de Michigan, em 1941, intitulada *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics*.

Antes de iniciarmos a análise do material, é preciso ressaltar que esta modalidade de ensino ocupou lugar central nas reformas empreendidas pelo Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), criado em 1930 por Getúlio Vargas. Francisco Campos e Gustavo Capanema, os primeiros a ocuparem a pasta, foram responsáveis pela elaboração de projetos para a organização da educação em bases nacionais.⁵⁸

Durante os quinze anos de governo Vargas, o foco das reformas educacionais recaiu sobre o ensino secundário e superior, ambos considerados essenciais para o projeto nacionalizador do regime. O primeiro seria responsável pela educação da juventude, e o segundo pela formação da elite que, posteriormente, governaria o país. O ensino primário, por sua vez, foi relegado a segundo plano e só recebeu atenção a partir de 1938, quando a nacionalização dos estrangeiros passou a ser vista como um problema de segurança nacional.⁵⁹

É importante salientar que quando Hall chegou ao Brasil, o ensino secundário já havia passado por uma reforma na gestão de Francisco Campos (1930-1932).⁶⁰ E, embora Gustavo Capanema estivesse à frente

⁵⁸BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

⁵⁹ BOMENY, Helena M. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

⁶⁰ DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizadora do ensino secundário. *Educação*, vol. 32, n. 02, maio/ago. 2009, p.185-191.

do ministério, a educação secundária, foco de seus estudos, ainda era legislada pela Reforma Francisco Campos, promulgada em 1931. Contudo, um novo projeto estava posto em debate e isso logo chamou a atenção do pesquisador estadunidense.

Hall ficou impressionado pelo fato de que uma lei instituída em 1931 já estivesse sob reforma em 1940. Ao fazer um estudo da educação brasileira, ele identificou como um sério problema a quantidade de reformas, leis e planos elaborados e reelaborados ao longo da história do Brasil. Esta não era, segundo ele, uma análise de um observador estrangeiro, mas um fato constatado por diversos educadores brasileiros com os quais teve oportunidade de conversar.

Para confirmar tal afirmação, o pesquisador estadunidense transcreveu um trecho da entrevista concedida por Paulo de Assis Ribeiro, ex-superintendente de ensino secundário e diretor do Departamento Nacional de Educação. Na sua fala, Ribeiro ressaltava que "as reformas continuaram a se seguir no Congresso, para diversão dos deputados e das galerias, e uma vez esgotados, o assunto das discussões foi relegado aos arquivos".⁶¹

Voltando-se, especificamente, para a educação secundária, Hall analisou alguns aspectos mais gerais da reforma Francisco Campos, instituída pelo decreto nº 18.890, de 18 de abril de 1931. Por meio dele, o ensino secundário foi organizado nacionalmente, determinando-se a divisão do curso em dois ciclos, o fundamental de cinco anos (comum a todos os alunos) e o complementar de dois anos (destinado ao ingresso no ensino superior); a obrigatoriedade de frequência escolar; a

⁶¹ RIBEIRO apud HALL, 1941, p. 56. HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics 1941*. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirement of the degree of Doctor of Philosophy. University of Michigan, Ann Arbor. International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor.

fiscalização dos estabelecimentos de ensino e os exames de admissão para os colégios em nível nacional, criando um cronograma único para todo o país.⁶²

A Reforma Francisco Campos “procurou superar estruturas escolares de longa duração e imprimir à cultura escolar do ensino secundário homogeneização e centralização nacionalizadas”.⁶³ Os currículos foram padronizados e organizados de acordo com os ciclos. No fundamental, era obrigatório o ensino de português, francês, história, geografia, matemática, ciências físicas e naturais e desenho (da 1ª à 5ª série); canto orfeônico (da 1ª à 3ª série); inglês (2ª e 3ª séries); latim (4ª e 5ª séries); alemão (facultativo e oferecido na 5ª e 6ª séries). Já no complementar, seriam ministradas disciplinas de acordo com as faculdades em que o estudante pretendia ingressar.⁶⁴

A reforma deu ênfase às ciências naturais, português, história e geografia, presentes em todos os anos do ciclo fundamental. Estas três últimas, juntamente com o canto orfeônico, deveriam ganhar contornos nacionalistas. O decreto instituía, ainda, a educação física como prática obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino.⁶⁵

Outro elemento importante foi a padronização dos currículos das escolas secundárias, seguindo o modelo do Colégio Pedro II. O cumprimento desta norma, denominada de *equiparação*, seria garantido por fiscalização federal. Os programas deveriam ser expedidos pelo Ministério da Educação e Saúde Pública e revistos, a

⁶² DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizadora do ensino secundário. *Educação*, vol. 32, n. 02, maio/ago. 2009.

⁶³ DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizadora do ensino secundário. *Educação*, vol. 32, n. 02, maio/ago. 2009,

⁶⁴ Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931 dispõe sobre a organização do ensino secundária. *Diário Oficial da União*. 01/05/1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>. Acessado em: 12/12/2020.

⁶⁵ DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizadora do ensino secundário. *Educação*, vol. 32, n. 02, maio/ago. 2009,

cada três anos, por uma comissão nomeada pelo ministro da educação.

Hall fez uma ressalva em relação a esse ponto, indicando que o processo de equiparação não foi inventado pela Reforma Francisco Campos. Na avaliação do pesquisador estadunidense, desde o período imperial, esse dispositivo era utilizado, garantindo o controle federal da educação secundária. Isto porque, embora essa modalidade de ensino estivesse sob a responsabilidade da iniciativa privada e dos estados, todas as escolas adotavam os mesmos currículos.⁶⁶

Com isso, ele respondia a uma das suas questões de pesquisa ao afirmar que o controle exercido pelo governo federal sobre o ensino secundário não era uma novidade ou invenção do governo Vargas, mas uma prática enraizada na história da educação brasileira. Segundo Hall, a liberdade dos estados se constituía apenas na construção e administração das escolas, garantida pelo Ato Adicional de 1834. No que se referia aos currículos, todos acabavam adotando o modelo do Colégio Pedro II, para não prejudicar os alunos que precisassem ser transferidos ou que desejassem ingressar em cursos superiores em outras regiões do país.⁶⁷

Vale ressaltar o fato de que, embora o Colégio Pedro II servisse de modelo e as escolas procurassem adequar-se a ele, como apontava Hall, antes da Reforma Francisco Campos não existia um sistema de

⁶⁶ HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics* 1941. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirement of the degree of Doctor of Philosophy. University of Michigan, Ann Arbor. International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor, p.62 e 63.

⁶⁷HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics* 1941. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirement of the degree of Doctor of Philosophy. University of Michigan, Ann Arbor. International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor, p. 109 e 110.

educação secundária organizado nacionalmente. Até então, ele era marcado pelo regime de cursos preparatórios, a frequência às aulas não era obrigatória e os alunos prestavam exames parcelados, com provas únicas para cada matéria exigida para ingresso nos cursos superiores.⁶⁸

Foi a partir de 1931 que os currículos foram padronizados, adotaram-se calendários acadêmicos e regime de provas anuais, sincronizou-se o período de férias e um sistema de inspetoria foi instalado para fiscalizar as escolas. Mesmo existindo mecanismos de controle antes deste período, somente depois da reforma o ensino secundário foi, de fato, organizado nacionalmente em bases centralizadoras.

Ainda em relação ao Colégio Pedro II, o pesquisador estadunidense defendia que essa escola era incapaz de oferecer os padrões necessários para um bom ensino secundário, pois, “na realidade, o programa, os edifícios, os equipamentos e a metodologia são bastante inferiores a algumas das melhores escolas particulares e estatais”.⁶⁹ Segundo Hall, em suas visitas por alguns estados como São Paulo, ele encontrou instituições de ensino secundário muito superiores ao Pedro II.

Outra crítica dizia respeito à própria centralização e padronização dos currículos. Na sua concepção, esse nível de ensino deveria ser organizado num regime de federalização, cabendo aos estados, de acordo com suas realidades climáticas, geográficas, econômicas e culturais, estabelecerem a organização dos seus

⁶⁸DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizadora do ensino secundário. *Educação*, vol. 32, n. 02, maio/ago. 2009.

⁶⁹HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics 1941*. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirement of the degree of Doctor of Philosophy. University of Michigan, Ann Arbor. International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor, p.61.

programas. Esse posicionamento foi reafirmado pelo pesquisador estadunidense em artigos posteriores e em entrevistas concedidas a jornais brasileiros.

Ao *Diário de Pernambuco (PE)*, em setembro de 1940, Hall apontou a necessidade de o país desenvolver “um método mais elástico de controle federal”. Cauteloso em seus posicionamentos para a imprensa, Hall afirmava tratar-se de “um observador estrangeiro e, naturalmente, não tenho um conhecimento tão íntimo dos problemas brasileiros como seus técnicos”. Mesmo assim, se dispôs a apresentar algumas indicações. Vejamos.

Primeiro, Hall dizia concordar com a necessidade de existir um certo controle do governo federal, no sentido de traçar diretrizes nacionais básicas e fornecer apoio financeiro aos estados que não possuíam condições, sozinhos, de arcar com os custos das construções das escolas. No entanto, era fundamental não “sacrificar a determinação local de muitas questões que são de importância regional”. Os governos locais deveriam ter mais autonomia, por isso, ele defendia que “as autoridades educacionais podiam estudar a possibilidade do estabelecimento de escolas secundárias com currículos diferentes conforme as zonas brasileiras”.⁷⁰

Esses apontamentos trazem à tona dois elementos bastante relevantes para pensar a relação de Hall com nossa educação. O primeiro é seu posicionamento quanto ao modelo de educação preconizado pela Reforma Francisco Campos, que considerava muito “rígida e centralizadora”. Hall criticava, principalmente, o controle estabelecido sobre “a duração do curso, as condições de admissão, o currículo, a classificação, promoção e transferências, os exames, a

⁷⁰ No Recife um educador norte-americano. *Diário de Pernambuco*. Recife, terça-feira, 03 de setembro de 1940, ano 15, nº 207, p. 03.

inspeção e supervisão”.⁷¹ Para o pesquisador estadunidense, esse tipo de organização era incompatível com um país tão extenso e heterogêneo quanto o Brasil.

Diretamente ligada a essa concepção está uma segunda questão, que é o modelo de administração do sistema educacional adotado nos Estados Unidos, marcado pela descentralização e autonomia dos estados e municípios. É preciso levar em consideração o lugar de onde Hall falava, pois ele não era somente um pesquisador, mas também um educador estadunidense. Sua análise da educação brasileira não representava apenas a busca por conhecer o “outro”, mas também significava o exercício da comparação a partir de seu ponto de origem.⁷² E, mesmo fazendo poucas comparações entre os dois países, foi possível perceber, em todo o seu trabalho, uma oposição entre dois modelos, um centralizado (Brasil) e outro descentralizado (EUA).

De maneira geral, esses foram os principais aspectos discutidos por Hall na tese. Fugindo de uma análise detalhada da reforma, o pesquisador estadunidense concentrou-se em afirmar que centralização da educação secundária era uma marca histórica da educação brasileira (e latino-americana). Portanto, ela não era uma novidade e não representava, até aquele momento, uma ameaça à democracia no continente.

No tocante à reforma do ministério Capanema, Hall foi ainda mais breve, apontando que “é duvidoso que algum destes planos sejam

⁷¹ HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics 1941*. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirement of the degree of Doctor of Philosophy. University of Michigan, Ann Arbor. International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor, p.154..

⁷² GONDRA, José Gonçalves. Apresentação do dossiê: viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 22, p.13-16, jan./abr. 2010.

oficialmente adotados. É quase certo que eles morram como projetos arquivados”.⁷³ Sua descrença resultava do fato de que a proposta em questão estava em elaboração desde 1936, quando Capanema organizou um inquérito a fim de construir um Plano Nacional de Educação. O projeto foi arquivado depois do fechamento do Congresso e a instauração do Estado Novo. Todavia, diferentemente do que previra Hall, a reforma veio a ser concretizada com o Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942, que instituiu a Lei Orgânica de Ensino Secundário.

Não é difícil compreender as razões que levaram Robert King Hall a estudar o ensino secundário brasileiro. Primeiramente, era o nível de instrução que os três países (Argentina, Brasil e Chile) estavam reformando. Outro elemento importante era o fato de que essa modalidade abarcava a juventude nacional. Portanto, ocupava o período de formação do cidadão e da força de trabalho do país. A orientação desse ensino repercutia, automaticamente, no tipo de indivíduo que seria produzido. O próprio Hall evidenciou isso na introdução da sua tese, quando fez um alerta sobre os perigos do uso da educação por regimes totalitários como a Alemanha nazista.

Conclusão

Este artigo procurou analisar a viagem de Robert King Hall ao Brasil em 1940 e sua relação com o contexto histórico daquele período. Sem dúvida, a aproximação entre Brasil e EUA e a promoção de intercâmbios entre instituições oportunizados pela Política de Boa

⁷³ HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics 1941*. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirement of the degree of Doctor of Philosophy. University of Michigan, Ann Arbor. International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor, p.214.

Vizinhança foram cruciais para a realização de seus estudos. Seus interesses de pesquisa estavam alinhados aos interesses geopolíticos estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial. Isso se reflete na sua preocupação com a centralização que os sistemas educacionais argentino, brasileiro e chileno estavam passando e no que isso, de fato, significava não só para os regimes políticos destas nações, mas para a segurança continental.

Suas observações sobre o ensino secundário brasileiro revelam não apenas uma crítica ao centralismo do Estado Novo, mas também a defesa de um modelo de educação pautado no exemplo estadunidense, marcado pela federalização e maior autonomia dos estados na gerência de seus currículos e organização educacional.

Os contatos que manteve com instituições, autoridades e intelectuais brasileiros revelam sua capacidade em dialogar com seus pares, o que facilitou, em grande medida, o acesso a fontes e informações. Sua aproximação com figuras conhecidas e com experiências nos EUA como Lemme, Anísio e Freyre é bastante significativo. Estes personagens, mais experientes e conhecidos que Hall intermediaram encontros e contatos, formando redes que seriam mobilizadas pelo pesquisador estadunidense no pós-guerra quando ele retornaria ao Brasil para novas pesquisas.

O intuito deste trabalho foi refletir sobre os encontros, as trocas proporcionadas por um contexto histórico marcado pela guerra e por uma mudança no direcionamento das relações interamericanas. Nunca a cultura e a educação tiveram tanta importância política quanto a partir da Segunda Guerra Mundial. Esse acontecimento, divisor de águas na história das relações internacionais, também foi um período de intercâmbios, produção de conhecimento, trocas culturais, criação de redes e oportunidades para muitos intelectuais que, como Robert K. Hall, iniciavam sua carreira acadêmica.

Analisar a trajetória de Hall por meio da abordagem circulatória permite encará-lo não apenas como um pesquisador disposto a transmitir modelos educacionais estadunidenses, mas como alguém que se transformou e construiu suas ideias mediante os contatos estabelecidos com intelectuais e a realidade educacional brasileira. O conceito de *moving localities* ajuda a refletir sobre as marcas que Hall carregava consigo ao partir de seu local de origem e das instituições que representava. Ao mesmo tempo, permite enxergá-lo também como um personagem que construiu suas ideias e a si mesmo a partir dos encontros, experiências e vivências realizadas durante suas passagens por diversos países. É preciso, porém, não perder de vista o caráter assimétrico dos encontros, refletindo sobre as posições e espaços ocupados pelos diversos atores envolvidos nos intercâmbios.⁷⁴ Por trás dos intercâmbios educacionais e culturais existiam também interesses econômicos e políticos.

Fontes

HALL, Robert K. *Federal Control of Secondary Education in the ABC Republics* 1941. Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirement of the degree of Doctor of Philosophy. University of Michigan, Ann Arbor. International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor.

HALL, Robert King. *Report on South American Research*. September 20, 1940. International Center (University of Michigan) Records, Box 10, Folder Scholarships - Brazilian Exchange. Bentley Historical Library/University of Michigan, Ann Arbor.

HALL, Robert King. Institute of Latin American Studies at the University of Michigan. New Summer Courses on Latin America. *Bulletin of the Pan American Union*, v. LXXIII, nº 04, April 1939, p.223-224.

LEMME, Paschoal. *Paschol Lemme: memórias de um educador*. Vol. 02, Brasília: INEP, 2004.

The Rev. James Davidson Hall and his descendentes (1806-1946). Compiled by Dr. J. K. Hall, Belmont, N.C.

Bibliography of research studies in education (1935-1936). Washington: United States Government Printing Office, 1937.

⁷⁴ ROBERTS, Lisa. Situating Science in global history: local exchanges and networks of circulation. *Itinerario*, v. 33, issue 01, march 2009, p. 9-30.

Bahia. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, domingo, 01 de setembro de 1940, ano L, nº 206, p. 06.

No Recife um educador norte-americano. *Diário de Pernambuco*. Recife, terça-feira, 03 de setembro de 1940, ano 15, nº 207, p. 03.

Uma conferência na Faculdade de Filosofia. *Correio do Paraná*. Curitiba. Quarta-feira, 23 de julho de 1940, ano VIII, nº 3.901, pg. 08.

Está em S. Paulo o professor King Hall. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Sábado, 27 de julho de 1940, pg.03.

Diversas Notícias. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 25 de agosto de 1940, p. 06.

Conferências. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 19 de junho de 1940, p. 05.

Associação Brasileira de Educação. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 20 de junho de 1940, p.05.

Intercâmbio Brasil-Estados Unidos. *A Noite*. Rio de Janeiro, Quarta-Feira, Vem estudar os métodos pedagógicos brasileiros. *O Jornal*. Rio de Janeiro, domingo, 10 de dezembro de 1939, p. 07.

Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931 dispõe sobre a organização do ensino secundária. *Diário Oficial da União*. 01/05/1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>. Acessado em: 12/12/2020.

Referências

BOMENY, Helena M. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERVO, Amado. *Relações internacionais da América Latina: de 1930 aos nossos dias*. 3ª ed., São Paulo: Saraiva, 2013.

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizadora do ensino secundário. *Educação*, vol. 32, n. 02, maio/ago. 2009, p.185-191.

ESPINOSA, J. Manuel. *Inter-American Beginnings of U.S. Cultural Diplomacy (1936-1948)*. Washington, D.C.: Department of State, 1977, p.69.

GONDRA, José Gonçalves. Apresentação do dossiê: viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 22, p.13-16, jan./abr. 2010.

GRAHAM, Sarah Ellen. *Culture and Propaganda: the progressive origins of American Public Diplomacy, 1936-1953*. New York: AshgatePublishing, 2015.

KROPF, Simone P. Circuitos da boa vizinhança: Diplomacia cultural e intercâmbios educacionais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. *Varia História*, Belo Horizonte, vol.36, n. 71, p.91-118, maio/ago. 2020.

LIMA, Mario Hélio Gomes de. *Gilberto Freyre*. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

- MACCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos (1937-1945)*. Tradução: Jayme Taddei e José Lívio Dantas. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.
- MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- NINKOVICH, Frank A. *The Diplomacy of Ideas: U.S. foreign policy and cultural relations (1938-1950)*. Cambridge University Press, 1981.
- PALMER, Steven. *Gênese da saúde global: a Fundação Rockefeller no Caribe e na América Latina*. Tradução: Annabella Blyth. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.
- RAJ, Kapil. Além dos pós-colonialismo... e pós-positivismo: circulação e a história global da ciência. *Revista Maracanan*, n. 12, dez./2015, p. 164-175.
- RAJ, Kapil. Conexões, cruzamentos, circulações: a passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XIX. *Cultura: Revista de História e Teorias das Ideias*, v. 24, 2007, p. 155-179.
- RAPOSO, Pedro M. P.; SIMÕES, Ana; PATINIOTIS, Manolis; BERTOMEU-SANCHEZ, José R. Moving localities and creative circulation: travels as knowledge production in 18th-century Europe. *Centaurus*, 2014, p. 167-188.
- ROBERTS, Lisa. Situating Science in global history: local exchanges and networks of circulation. *Itinerario*, v. 33, issue 01, march 2009, p. 9-30.
- ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. *Entre o Brasil e os Estados Unidos: intelectuais, ideias e projetos de educação (1927-1935)*. Rio de Janeiro: Editora PUC, Editora Fiocruz, 2020.
- ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. *Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935)*: Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho. 2016. 258f. Doutorado em História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016.
- SILVA, André Cândido Felipe da. A diplomacia das cátedras: a política cultural externa alemã e o ensino superior paulista – os casos da USP e da Escola Paulista de Medicina (1934-1942). *História (São Paulo)*, v.32, n.01, p.401-431, jan./jun. 2013.
- SILVA, André Felipe Cândido da. Dimensões históricas da internacionalização: o papel da diplomacia cultural alemã na mobilidade acadêmica transnacional (1919-1945). *Política e Sociedade*, Florianópolis, Vol. 17, Nº 38, Jan./Abr. de 2018, p. 256-303.
- SOUZA, Josefa Eliana. *O programa de instrução pública de Tavares Bastos (1861-1873): concepções a partir do modelo norte-americano*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VALIM, Alexandre Busko. *O triunfo da persuasão: Brasil, Estados Unidos e o cinema na política de boa vizinhança durante a II Guerra Mundial*. São Paulo: Alameda, 2017.
- WARDE, Mirian Jorge. *Americanismo e educação: um ensaio no espelho*. São Paulo: Perspectiva, 2000, vol. 14, n.2, p.37-43.

Recebido em 20/05/2021 e aprovado em 14/07/2021